

BILHETE DO RIO

Rubem Braga

CARO JOAO — Não posso mesmo ir ver a Bienal logo; só depois das eleições. Quem está aqui é o Fernando Sabino, que veio pajeando a representação inglesa ao Festival de Cinema, e logo voltará para Londres. Diz que está escrevendo um novo romance. Que seja como o «Encontro Marcado», livro que não pára de vender; a impressão que temos lá na Editora é de que todo ano uma nova turma de jovens toma conhecimento desse romance.

Em matéria de lançamentos (lá na Editora do Autor) o momento é dos mineiros: já está na rua um novo livro de crônicas do Paulo Mendes Campos. Chama-se «O Colunista do Morro» e tem as suas melhores crônicas de «Manchete», além daqueles artigos que andou escrevendo sobre o ácido lisérgico. Vamos reeditar em um só volume os três livros de contos e crônicas de João Alphonsus, o autor de «Galinha Cega», um dos melhores prosadores do modernismo mineiro; isso, porém, só em outubro. Mas já começam a chegar às livrarias os primeiros exemplares de um pequeno romance de autor desconhecido. É um livrinho de cento e poucas páginas, «O Viúvo», de Osvaldo França Júnior. O autor é mineiro, tem menos de 30 anos, e era tenente da Aeronáutica até o ano passado, quando foi reformado pelo Ato Institucional; o livro não tem, porém, coisa alguma a ver com política. A história toda acontece em Belo Horizonte; ou muito me engano ou a nossa literatura está ganhando, com esse rapaz, um valor diferente. A linguagem é coloquial, mas o leitor vai sentindo que a tensão aumenta, que algo está acontecendo por trás das coisas narradas, que ele não sabe o que é, mas sente que é dramático. Sente que vai acontecer alguma coisa muito grave, até o momento em que a ação se precipita e... Leia o livro, meu caro; parece-me uma autêntica revelação.

Quanto às eleições, não sei quem vai ganhar. O que sei é que nunca, nem nos tempos da República Velha, uma candidatura foi mais oficial, mais do governo que a do nosso professor Flexa Ribeiro. V. sabe como é o Lacerda; jogou tudo na campanha, dinheiro, poder administrativo e poder verbal, até as lágrimas. Mesmo correndo o perigo de desagradar as senhoras católicas aceitou jubiloso o apoio do Zarur e da linna da Umbanda. Quem procura se agarrar aos protestante é o Aurélio, mas esse não tem vez. Continua candidato de teimoso, fazendo com a maior seriedade um papel de... digamos, de inocente; mas não creio que desvie muitos votos da oposição. Em todo caso desviará menos que o sr. Amaral Neto, das áreas marginais do lacerdismo. O que estou curioso de saber é o que fará o sr. Carlos Lacerda se o seu candidato perder a eleição; saber perder é difícil, e o sr. Lacerda não tem nenhuma prática disso. Será um «test» interessante.

No mais, acontecem pequenos fatos: o Luis Antônio teve uma coisa quando tomava uma sauna em Cabo Frio; o César Thedim feriu o pé jogando vôlei lá também, e o Armando Nogueira teve sua Karman-Ghia, verde, sua clavícula direita e talvez algumas costelas arrebatadas por um louco do volante, na avenida Henrique Dumont, em Ipanema. Bata com os dedos na madeira e até outro dia, João.

DN - 28. 9. 65